

TEÓFILO BRAGA E ADOLFO COELHO — DUAS POSIÇÕES FACE AOS IRMÃOS GRIMM E À COLECÇÃO *KINDER- UND HAUSMÄRCHEN*

*Maria Teresa Cortez**

É com a fundação do movimento etnográfico e com o início das pesquisas sobre o conto popular português que a colecção *Kinder- und Hausmärchen* [*Contos para as crianças e para o lar*] assoma no campo de referências fundamentais dos nossos folcloristas — à semelhança do que se tinha verificado entre os outros folcloristas europeus — como a primeira recolha de contos populares coligida com espírito científico e, ao mesmo tempo, numa perspectiva romântica, como exemplo paradigmático de reabilitação do “*Volksgeist*” numa Europa sedenta de afirmações nacionais. Deliberada ou inadvertidamente, os pioneiros da etnografia portuguesa deram um contributo importantíssimo para a divulgação do trabalho realizado pelos Grimm, particularmente junto dos círculos intelectuais que integravam.

Até aos anos 70 do século XIX, a recepção portuguesa dos *Kinder- und Hausmärchen* tinha-se circunscrito quase exclusivamente a traduções de contos escolhidos, que se podem encontrar dispersas por jornais e revistas de perfis diversos. A quase ausência de repercussões dos *Kinder- und Hausmärchen* na época áurea do Romantismo português parece dever-se mais a desmotivação que a desconhecimento, ou melhor, à falta de oportunidade de conhecimento. De facto, embora os primeiros românticos tivessem buscado no passado medieval e nas tradições populares uma fonte de renovação literária, olharam o conto popular apenas de relance, apreciando-o enquanto repositório de maravilhoso, mas deixando-o por enquanto entregue à

* Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas, 3810-193, Aveiro. O presente artigo insere-se na Linha de Acção nº 1 “Relações Literárias e Culturais Luso-Alemãs. Estudos de Recepção e de Hermenêutica Intercultural” do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (CIEG), Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa POCTI.

memória popular. Não surgiram recolhas nem estudos, e as raríssimas experiências literárias com contos da tradição nacional foram perfeitamente marginais. *A Dama Pé-de-Cabra* (1843), de Alexandre Herculano, e o “conto afonsino” inacabado de Almeida Garrett *As três cidras do amor* (1843) são exemplos isolados.

Na segunda geração romântica pouco ou nada se altera neste aspecto. Mendes Leal dramatiza o mesmo conto que merecera a atenção de Garrett (um dos mais difundidos da tradição portuguesa) numa comédia com o mesmo título (publicada em 1852), mas esta incursão no domínio do conto popular constitui um *fait-divers* num contexto literário em que pontifica o lirismo contemplativo e sentimentalista. A vocação medievalista dos nossos ultra-românticos acentua, realmente, uma expressão predominantemente lírica e a poesia popular continua a atrair os meios literários e os círculos de leitores anónimos, como se pode verificar pela presença que mantém na imprensa do tempo.

Neste contexto, não surpreende que os *Kinder- und Hausmärchen* se conservassem na sombra. Mais atraídos pelo colorido histórico dos romances em verso e das lendas populares, os românticos portugueses não se viraram para o conto popular, e da mesma forma que não exploraram o filão nacional, também não se sentiram motivados em difundir o mais vasto espólio europeu.

Será sob o impulso da Geração de 70, a qual retomará, desenvolvendo-as e actualizando-as, as preocupações sociais e também nacionalistas do Primeiro Romantismo, que o interesse pelo conto popular se enraiza e dá frutos. Esse interesse não tem agora um pendor privilegiadamente literário, como se verificara no Primeiro Romantismo em relação aos romances populares e lendas, mas sim filológico, etnográfico e também (embora mais variavelmente) pedagógico. Surge no período que A. Jorge Dias, no seu “Bosquejo histórico da etnografia portuguesa”, designa de “período filológico-etnográfico, positivista”, ou “período dos mestres”, em que se assentam os pilares da etnografia portuguesa e no qual se destacam os nomes de Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso e José Leite de Vasconcelos.¹

Todos eles se dedicaram à recolha e estudo do conto da tradição nacional e tiveram um papel decisivo na abertura da mentalidade portuguesa a este género da literatura popular, abertura essa que se veio a repercutir favoravelmente na recepção de contos tradicionais de outros países.

Teófilo Braga e Adolfo Coelho foram, como é conhecido, os primeiros a dedicar-se à investigação do conto popular português. Um e outro faziam parte do grupo de jovens letrados da Geração de 70, que entrou em acesa controvérsia com os velhos mentores da cena intelectual portuguesa,

¹ Cf. A. Jorge Dias, “Bosquejo histórico da etnografia portuguesa (seguido de uma crónica dos trabalhos publicados desde 1939 a 1951)”. Separata do suplemento bibliográfico da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. II, Coimbra, Casa do Castelo, 1952, p.1.

acusando-os de epigonismo neoclássico, pretensa erudição e afastamento das verdadeiras fontes da cultura nacional. As ideias de decadência e de necessidade de ressurgimento, centrais no pensamento da Geração de 70, não vão ser estranhas a Teófilo Braga. É na mira do ressurgimento nacional que Teófilo irá advogar a viragem para a genuína cultura do povo, numa linha de revitalização nacionalista que radica, em parte, nas tendências do Primeiro Romantismo, mas que surge agora imbuída de um novo espírito científico, muito marcado pelas teorias de Comte.² A visão romântica da literatura popular como instrumento de descoberta e afirmação da identidade nacional tão-pouco deixou Adolfo Coelho indiferente.³ Embora mais moderadamente, também ele se perfila como representante de uma etnografia empenhada, que, aliás, não foi, de modo algum, um caso exclusivamente português.

Seria de todo impropriedade querer fazer radicar o nascimento da recolha e investigação do conto popular em Portugal numa descoberta tardia dos Irmãos Grimm e dos *Kinder- und Hausmärchen*. A fundação da etnografia científica no nosso país espelha sim, em primeiro lugar, a adesão ao movimento etnográfico europeu, que ganha enorme projecção a partir dos anos 60. Mas também em Portugal os Grimm foram respeitados como os pioneiros da investigação científica da literatura e mitologia populares, e não apenas os *Kinder- und Hausmärchen*, mas também as *Deutsche Sagen* [*Lendas alemãs*] e a *Deutsche Mythologie* [*Mitologia alemã*] constituíram obras de referência fundamental. Sobretudo Teófilo Braga e Adolfo Coelho sobressaem, cada um a seu modo, como os receptores mais interessantes dos Irmãos Grimm e é sobre eles que me vou passar a debruçar.

Um olhar pela obra de Teófilo Braga até meados dos anos 80 permite facilmente registar claros paralelos com a obra de Jacob Grimm. Em 1865 Teófilo escreve um pequeno volume sobre a *Poesia do Direito* e, em 1868,

² Teófilo Braga vê nos elementos da cultura popular expressões do génio nacional e atribui a degenerescência das letras portuguesas a uma falsa erudição e ao afastamento das “verdadeiras fontes naturais de inspiração”. Em sua opinião: “O século XVI, a grande época de esplendor da literatura portuguesa, coincide com um maior conhecimento da tradição popular e dos contos, bem como dos cantares históricos ou romances”. Seguiu-se a decadência. (Teófilo Braga, “Literatura dos contos populares portugueses”, in *A Evolução*, nº 10, 1877, p.73, 75).

³ Já no seu primeiro estudo sobre o conto popular, “Belfegor” (in *O Cenáculo*, 1975, vol. I, p.65s), Adolfo Coelho afirma: “É sobretudo, o que parecerá à primeira vista singular, nos grandes monumentos das literaturas que se descobrem os elementos tradicionais, e os produtos literários são tanto mais insignificantes quanto se afastam mais da tradição”. A mesma ideia é retomada na “Prefação” aos *Contos populares portugueses* (Lisboa, F. Plantier, 1879, p. XII): “(...) as literaturas só têm valor verdadeiro quando aproveitam as minas da tradição popular (...). Nada mais mesquinho que os produtos da imaginação individual.”

História do Direito português. Os forais, ambos muito marcados pelas publicações *Von der Poesie im Recht* [Da poesia no Direito] (1815) e *Deutsche Rechtsaltertümer* [Antiquilhas do Direito alemão] (1828), de Jacob Grimm.⁴ Durante os anos 60 dedica-se também ao estudo da poesia popular, nomeadamente à recolha de cantos e romances populares portugueses, que publica em várias colecções, entre elas a *Floresta de vários romances* (1868), título no qual ecoa a *Silva de romances viejos* (1815), de Jacob Grimm; nos anos 70 surgem os primeiros trabalhos de vulto sobre história da literatura medieval portuguesa (depois alargados a épocas posteriores) e continuam os estudos e recolhas do cancionero e romanceiro; entretanto Teófilo dá início às investigações sobre o conto popular e, em 1883, publica os *Contos tradicionais do povo português*. Seguem-se, em 1885, os dois volumes de *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*.

Não pretendo defender que a obra de Teófilo Braga seja apreciada como uma segunda edição da do famoso filólogo alemão, mas parece-me inegável que, na procura do seu caminho de pesquisa, o jovem investigador português se deixou cativar pelo exemplo de Jacob Grimm e lhe tentou seguir as passadas. Também Teófilo quis trazer à luz a antiga cultura e literatura nacional e, na defesa de alguns dos conceitos fundamentais da sua teoria literária — os conceitos de tradição, génio, nação, raça e ciência — o exemplo de Jacob Grimm é repetidamente lembrado.⁵ Aliás, a admiração de Teófilo pelo erudito alemão é assumida. Em 1870, nos *Estudos da Idade Média*, aponta Jacob Grimm como o mais importante estudioso desta época histórica, logo seguido de Michelet,⁶ e em publicações posteriores as referências elogiosas são frequentes.⁷

⁴ A obra de Jules Michelet *Origines du droit français* (1837) foi igualmente inspiradora para Teófilo, que dela retira grande parte das remissões para os estudos de Jacob Grimm sobre o antigo Direito alemão.

⁵ Sobre o germanismo de Teófilo e os principais vectores da sua teoria literária vd.: Álvaro Manuel Machado, *Les Romantismes au Portugal. Modèles étrangers et orientations nationales*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian / Centre Culturel Portugais, 1986, p. 331-414.

⁶ Vd. dedicatória a Michelet com que Teófilo abre os *Estudos da Idade Média. Filosofia da literatura*, Porto e Braga, Chardron, 1870.

⁷ Leia-se, por exemplo, na *História do Romantismo em Portugal* (Lisboa, Liv. Internacional, 1880, p. 23s): “Quando Jacob Grimm reconstituiu os velhos dialectos germânicos na sua assombrosa *Gramática alemã*, quando reconstituiu os elementos de vida étnica das raças germânicas na sua *Mitologia teutónica* e nas *Antiquilhas do Direito*, a importância das raças começava a ocupar a ciência. Sob o aparato formal da unificação católica que destruiu durante séculos o que o génio alemão estava introduzindo na história, foi o inextinguível Grimm, unicamente ajudado pela linguagem vulgar, pelas locuções, pelos anexins, pelos vestígios dos velhos poemas, pelos contratos civis, pelas crónicas, lendas e contos, que tornou a dar vida a essa raça violada por uma doutrina que lhe foi imposta.”

Nos anos em que se dedicou ao estudo da poesia popular, Teófilo Braga interessou-se particularmente pela *Silva de romances viejos* e pelas *Deutsche Sagen*. Foi, aliás, do prefácio às *Deutsche Sagen* que Teófilo retirou o seu credo e divisa. Refiro-me à afirmação dos Grimm sobre a ausência de mentira nas lendas e canções populares,⁸ que Teófilo cita vezes sem conta e que usa repetidamente como arma de ataque contra as adaptações literárias de canções e romances.

Só em finais dos anos 70, quando começa a preparar a publicação dos *Contos tradicionais do povo português*, é que Teófilo Braga dedica maior atenção à colecção dos *Kinder- und Hausmärchen*. Na “Advertência preliminar” com que introduz a primeira edição, de 1883 (mantida na 2ª edição, de 1914/15), Teófilo Braga enquadra a sua recolha de contos no âmbito dos estudos sobre a tradição portuguesa, e, de um ponto de vista tipicamente romântico, diz que com eles se preparou para a “compreensão do génio nacional” e constituiu a base orgânica sobre a qual fundou a história da literatura portuguesa.⁹

No mesmo prefácio, depois de explicar a demora na publicação da colectânea de contos pelas dificuldades específicas que se levantam na transposição escrita destas narrativas tradicionais, refere-se aos diferentes grupos de transmissores dos textos apresentados — crianças, mulheres e velhas e homens do povo (estes últimos, narradores quase profissionais) — e defende a fixação dos contos a exemplo da escrita infantil. Independentemente de, tanto na escolha de crianças como transmissores,¹⁰ como a nível da redacção, as ideias de Teófilo serem já no seu tempo pouco aceitáveis, é de

⁸ O passo das *Deutsche Sagen* para o qual Teófilo remete insistentemente é o seguinte: “Das erste, was wir bei Sammlung der Sagen nicht aus den Augen gelassen haben, ist Treue und Wahrheit. Als ein Hauptstück aller Geschichte hat man diese noch stets betrachtet; wir fordern sie aber ebensogut auch für die Poesie und erkennen sie in der wahren Poesie ebenso rein. Die Lüge ist falsch und böse; was aus ihr herkommt, muß es auch sein. In den Sagen und Liedern des Volks haben wir noch keine gefunden: es läßt ihren Inhalt, wie er ist und wie es ihn weiß (...).” Brüder Grimm, *Deutsche Sagen*. Bd.1, Frankfurt a.M., Insel, 1981, p.12. [“Aquilo a que atendemos em primeiro lugar na colecção de lendas foi à fidelidade e à verdade. Tanto uma como a outra foram sempre consideradas uma peça central de toda a história; mas nós reclamamo-las igualmente para a poesia e reconhecemo-las na verdadeira poesia com a mesma pureza. A mentira é falsa e perversa; tudo o que vem dela tem também de o ser. Nas lendas e canções do povo ainda não encontramos uma única mentira: o povo conserva-lhes o conteúdo como ele é e tal como o conhece (...)”] A primeira remissão de Teófilo para estas afirmações surge, segundo creio, num artigo publicado sob o título “Maravilhoso da poesia popular portuguesa” (in *O Instituto*, 1866, vol. III, nº 10, p.226).

⁹ Cf. Teófilo Braga, *Contos tradicionais do povo português. Com um estudo sobre novelística geral e notas comparativas*, Porto, Magalhães & Moniz, 1883, vol.I, p.VI.

¹⁰ O recurso a narradores de profissão, geralmente mais quedados a inovações da sua própria lavra, era, já ao tempo, igualmente contestado.

salientar a perspectiva romântica que lhes subjaz. Esta perspectiva prolonga-se na defesa dos contos tradicionais como leitura para crianças, embora Teófilo se deixe também tocar, neste aspecto, pelas modernas correntes da pedagogia.

Na senda da colecção dos *Kinder- und Hausmärchen*, Teófilo destaca então na sua colecção de contos populares a dupla dimensão de recolha etnográfica e de livro de recreio para a infância, o que, segundo explica, se reflectiu na própria selecção e escrita dos contos: “Visámos também a este fim [pedagógico], velando a nudez de algumas narrativas, ou deixando fora da nossa colecção contos cujas situações perturbariam a ingenuidade infantil.” (p.XIII).

Ao prefácio segue-se o estudo “Da novelística popular. Sua origem, persistência e transmissão”. É neste estudo que Teófilo se pronuncia mais demoradamente sobre os Irmãos Grimm e o papel que tiveram na investigação do conto popular. Consideremos alguns excertos dessa apresentação:

Com a intuição de génio criador, encetou Jacob Grimm a investigação dos Contos populares por vários estados da Alemanha, no começo deste século, quando esta forma tradicional, desnaturada pelas divagações literárias, parecia condenada a perder-se na transmissão oral inconsciente. Jacob Grimm e seu irmão publicaram entre 1812 e 1814¹¹ a colecção do *Kinder und Hausmarchen* (sic), revelando que essas narrativas espontâneas continham uma riqueza de fantasia que ultrapassava todo o poder da invenção artística, e, mais ainda, que essas situações dramáticas, esses personagens fantásticos eram os últimos restos das concepções míticas dos povos áricos, que se foram transformando para se adaptarem à corrente da civilização moderna. A tese era fundamental. (...) Desta compreensão séria nasceu o interesse com que começaram a ser investigados os Contos populares em todos os países, alargando-se cada vez mais o campo comparativo e facilitando-se por esse meio a organização de determinados ciclos de ficções e a demonstração dos elementos míticos de que eles são o último vestígio. (...) o próprio Grimm, em 1822, anotando a sua colecção, sistematizava o processo crítico da Novelística, tornando-a um capítulo essencial da Mitografia. Se para Michelet a história era uma ressurreição e o que penetrava os documentos da antiguidade *passava o rio dos mortos*, pela nova direcção achada por Jacob Grimm era possível remontar através das afluentes do curso das tradições poéticas à nascente primitiva de todas as concepções intelectuais — o Mito. (p.XVI-XVII)

Jacob Grimm surge pois, aos olhos de Teófilo, como uma espécie de “salvador” do conto popular alemão, sendo “o irmão”, a quem não é sequer atribuída a co-autoria das notas aos contos, relegado para o papel de colaborador. Interessante é ainda a convicção — muito enraizada entre a *intelligentsia* francesa e portuguesa da segunda metade do século — da recolha *in loco* dos contos “nos vários estados da Alemanha”, quando os Irmãos Grimm preferiram a “sedentária” alternativa da leitura e da

¹¹ O segundo volume dos *Kinder- und Hausmärchen* surgiu realmente em 1814, embora o ano de edição indicado seja 1815.

colaboração de amigos e conhecidos.¹² Mais fundamentadas são as considerações sobre a “tese fundamental” da origem mítica dos contos, também defendida por Teófilo, tese essa realmente lançada pelos Irmãos Grimm (não apenas Jacob!), que constituiu o gérmen da escola mitológica que fez furor no século XIX.

Depois desta apresentação dos Irmãos Grimm, Teófilo passa a uma abordagem crítica das principais linhas de investigação da origem e difusão dos contos e a uma exposição das suas teorias sobre a idade destas ficções, hoje completamente ultrapassadas, para só no final regressar à memória de Jacob Grimm, de quem esboça um perfil romântico de cientista: “Os escritores foram-se aproximando conscientemente da tradição do povo, como Perrault, mas daí até possuírem essa *mão casta* para colher as flores da tradição, como o fez Grimm, distava um espaço que só pôde ser transposto pela ciência (...)” (p.LI).

As referências aos Irmãos Grimm — a Jacob, especialmente — e à colecção dos *Kinder- und Hausmärchen* ganham ainda maior peso na segunda edição dos *Contos tradicionais do povo português*, de 1914/15,¹³ sobretudo no estudo introdutório ao vol.II, com o título “Literatura dos contos populares em Portugal”.¹⁴ Nele pouco ou nada avança em relação à apresentação já feita no estudo “Da novelística popular”, mas presta de novo homenagem aos dois filólogos e enquadra a sua própria pesquisa de contos populares em obras da literatura portuguesa nas linhas de investigação defendidas por Jacob Grimm.

A admiração de Teófilo por Jacob Grimm e o destaque dado às colecções das *Deutsche Sagen* e dos *Kinder- und Hausmärchen* entre as muitas recolhas que, entretanto, vieram a ser publicadas no contexto do movimento etnográfico europeu não devem, contudo, ser interpretados como sinal de conhecimento aprofundado. Teófilo denota grande à-vontade no manuseamento das *Deutsche Sagen*, que leu na tradução francesa integral de

¹² Esta ideia da peregrinação dos Irmãos Grimm por terras da Alemanha foi provavelmente importada de França, onde teve como grandes responsáveis Nicolas Martin e Pitre-Chevalier, que, no prefácio à primeira série dos *Contes de de la famille*. Par les Frères Grimm (Paris, Renouard [1846]), uma das primeiras edições de contos escolhidos dos Grimm em tradução francesa, fazem da vida de Jacob e Wilhelm Grimm, e sobretudo da alegada demanda de contos populares por montes e vales, um autêntico “conto maravilhoso”.

¹³ Teófilo Braga, *Contos tradicionais do povo português. Contos de fadas – casos e facécias – notas comparativas*. 2ª edição ampliada, Lisboa, J. A Rodrigues & Cª Ed., 1914; id., *Contos tradicionais do povo português. Histórias e exemplos de tema tradicional e forma literária. Literatura dos contos populares de Portugal*. 2ª edição ampliada. Lisboa, J. A Rodrigues & Cª Ed., 1915.

¹⁴ Este estudo, agora revisto, surgiu pela primeira vez em 1877, na revista conimbrisense *A Evolução* (nº 10, 11 e 12) e foi apresentado no mesmo ano no periódico *Rivista di Letteratura Popolare* editado em Roma por Pitre e Sabatini (vol. I, fasc. 2).

L'Héritier, *Les veillés allemandes* (Paris, Huzard, 1838), mas já o mesmo não se pode afirmar em relação aos *Kinder- und Hausmärchen*. O desconhecimento da língua alemã levou-o a ficar-se pela leitura do volume dos *Contes choisis des Frères Grimm*, em tradução de Frédéric Baudry (Paris, Hachette, 1855)¹⁵, que constituiu a via de acesso privilegiada à colecção dos contos de Grimm no contexto da recepção portuguesa oitocentista. Nas notas aos contos populares portugueses que contemplou na sua recolha Teófilo apenas aponta analogias com contos de Grimm considerados na edição de Baudry, ou então socorre-se de estudos já realizados por comparatistas de renome, remetendo, nestes casos em segunda mão, para títulos da colecção dos Grimm.¹⁶

Teófilo não foi, pois, um conhecedor seguro dos *Kinder- und Hausmärchen* nem da obra de Jacob Grimm, que tanto admirava. Presta-lhes, no entanto, as maiores honras. E penso não ficar muito longe da verdade se afirmar que, com a sua investigação do passado literário e cultural português, Teófilo gostaria que lhe fosse reconhecida uma posição idêntica à de Jacob Grimm. A este respeito é reveladora a nota introdutória com que abre o primeiro volume dos *Contos tradicionais do povo português* na edição de 1914/15. Esta nota é, na quase totalidade, preenchida com a tradução de trechos seleccionados de uma notícia com o título “Portugals erster Präsident” [“O primeiro Presidente de Portugal”], publicada a 5 de Outubro de 1910 no jornal *Frankfurter Zeitung*, que passo a transcrever:

Teófilo Braga, o presidente provisional da República Portuguesa há pouco fundada, assumiu uma situação absolutamente especial na civilização, na poesia e na ciência do seu país. O que ele fez pelo seu povo é nada mais nem nada menos do que a *ressurreição do seu passado literário*, a *reanimação de todas as tendências nacionais e patrióticas* como elas sobressaem da lenda e da moral, da poesia e das

¹⁵ Nesta publicação Baudry apresenta uma selecção de 40 “Kinder- und Hausmärchen”. Teófilo conhecia também a primeira edição francesa de contos escolhidos dos Irmãos Grimm, *Vieux contes pour l'amusement des grands et des petits enfants* (Paris, Auguste Boland, 1830), que, no entanto, tomou inicialmente por uma colecção de contos populares franceses, como se depreende da nota ao conto *As vozes dos animais*, tal como consta da primeira edição dos *Contos tradicionais* (p.220). Nela remete para “uma versão francesa, intitulada *Les musiciens voyageurs* (*Vieux Contes*, p.17, Paris, 1830)”, isto paralelamente a uma referência a *Die Bremer Stadtmusikanten* [Os músicos da cidade de Brema] na tradução de Baudry. Aquela remissão é suprimida na edição de 1914, donde se conclui que Teófilo verificara entretanto o seu erro. No entanto, nesta nova edição, não alarga as suas remissões comparativas para os contos de Grimm considerados na colecção dos *Vieux contes*.

¹⁶ Estas remissões são inevitavelmente incompletas. Assim, por exemplo, a respeito do conto *O sapatinho de cetim*, Teófilo apenas se refere, baseando-se num estudo comparativo de Angelo de Gubernatis, ao KHM 24 *Frau Holle* [A Senhora Holle] (isto na edição de 1914); não aponta as analogias flagrantes, sobretudo na última parte do conto, com o KHM 21 *Aschenputtel* [A Gata Borralheira], que Baudry não considerara na sua colecção.

tradições de Portugal. Poder-se-ia comparar a sua acção com a de Jacob Grimm, que fez outro tanto na investigação do nosso passado alemão como ele se encontra no Folk-Lore popular e na literatura — A velha Universidade pátria de Coimbra, sobre a qual mais tarde elaborava uma apreciação histórica de longo alcance de vistas, expôs aos olhos do jovem estudante de Direito luminosas imagens do passado; em vez da praxística jurídica, brotou dos seus trabalhos de jurisconsulto uma obra sobre a *Poesia do Direito*. Se já aqui tinha coincido com GRIMM, nas investigações sobre o velho Direito, procurou ele depois aplicadas (sic) as suas *tradições poéticas* à civilização portuguesa o grande pensamento do Mestre alemão sobre a sondagem da *maneira de ser de um Povo*. Entre as numerosas obras de ciência que produziu em sua laboriosa vida, e que com um admirável conhecimento da literatura universal, pela primeira vez se (sic) perscrutaram e sondaram toda a Poesia portuguesa... — tesouro que logrou trazer à clara luz do dia o nobre teor da Cultura e poesia portuguesa há muito soterrado. (p.V-VI)¹⁷

¹⁷ A omissão de partes essenciais do texto da notícia torna o final da citação incompreensível. No último período deveria ler-se: “Entre as numerosas obras de ciência que produziu em sua laboriosa vida, as quais, assentes num admirável conhecimento da literatura universal, perscrutaram e sondaram pela primeira vez a literatura portuguesa no seu todo, encontram-se também uma série de trabalhos históricos, com destaque para a obra em dois volumes ‘O povo português nos seus costumes, crenças e tradições’ (1885). (...) Teófilo Braga é pois (...) um bom escavador de tesouros, que logrou trazer à clara luz do dia o nobre teor da cultura e poesia portuguesa há muito soterrado.” Passo a transcrever os excertos do texto alemão da notícia que foram considerados no preâmbulo de Teófilo: “Theophilo Braga, der vorläufige Präsident der soeben gegründeten *Republik Portugal*, nimmt in der Kultur, Dichtung und Wissenschaft seines Landes eine ganz einzigartige Stellung ein. Was er für sein Volk getan hat, das ist nicht mehr und nicht weniger, als die *Wiedererweckung* seiner großen *literarischen Vergangenheit*, die Neubelebung all der patriotischen und nationalen Tendenzen, wie sie aus Sage und Sitte, Volkscharakter und Geschichte, Dichtung und Überlieferung Portugals hervorleuchten. Man könnte sein Wirken mit dem Jacob Grimms vergleichen, der für die Erforschung unserer deutschen Vergangenheit, wie sie sich in Volkskunde und Literatur darbietet, Ähnliches geleistet hat.

(...) Die alte Heimatsuniversität *Coimbra*, der er später eine weitschauende, historische Würdigung gewidmet hat, stellte dem jungen Rechtsstudenten leuchtende Bilder der Vergangenheit vor Augen, so daß ihm statt praktischer juristischer Erfahrungen aus seinen juristischen Arbeiten ein Werk über die “Poesie im Recht” erwuchs. Hatte er sich schon hier mit Grimms Erforschung der Rechtsaltertümer berührt, so suchte er nun den großen Gedanken des deutschen Meisters von der Ergründung der *Wesensart* eines Volkes aus seinen *poetischen Überlieferungen* auf die portugiesische Kultur anzuwenden. Unter den zahllosen wissenschaftlichen Arbeiten, die in seinem arbeitsreichen Leben entstanden und mit einer erstaunlichen Kenntnis der Weltliteratur die gesamte Poesie Portugals zum ersten Mal durchforschten und ergründeten befinden sich auch eine Reihe historischer Arbeiten, besonders das zweibändige Werk ‘Das portugiesische Volk nach seinen Sitten, Glauben und Überlieferung’ (1885).

A imagem do “Grimm português” agradou sobremaneira a Teófilo, que termina com o comentário: “Este julgamento mantém-nos todas as energias.” (p.VI).

Passemos agora a considerar a posição de Adolfo Coelho perante o exemplo pioneiro dos Irmãos Grimm.

É sobretudo na década de 70 que Adolfo Coelho se dedica à investigação do conto. Publica então os seus estudos mais importantes nesta área e, em 1879 — três anos antes de Teófilo —, edita os *Contos populares portugueses*, a primeira colecção do género em Portugal. No prefácio pode ler-se a seguinte observação:

Com esta colecção, que será seguida brevemente, como esperamos, da publicação dos outros contos que temos reunidos, fica realizado um desejo há muito expresso pelos homens que conhecem o valor destas coisas; Portugal deixa de ser uma excepção com relação ao interesse que nos outros países de língua românica se vai desenvolvendo pelos contos populares, em virtude de um movimento nascido na Alemanha com a publicação dos *Kinder- und Hausmärchen* pelos Irmãos Grimm (1812-1814) (...).¹⁸

Esta posição de proa dos *Kinder- und Hausmärchen* fora já realçada por Adolfo Coelho em estudos anteriores sobre o conto popular. Assim, por exemplo, abre o artigo “Materiais para o estudo da origem e transmissão dos contos populares” (in *O Positivismo*, 1878, vol. I, p.74s) com uma apresentação dos *Kinder- und Hausmärchen* e uma resenha dos principais achados científicos dos Irmãos Grimm:

A primeira colecção de contos verdadeiramente populares, isto é, de contos do povo, tais como ele os conta, sem ornatos, sem ampliações, nem combinações literárias, foi publicada de 1812 a 1814 pelos dois irmãos J. e W. Grimm sob o título de *Kinder- und Hausmärchen* e tem tido até hoje numerosas edições. A importância dessas tradições foi posta fora de dúvida pelos colectores já no prefácio, já no volume de notas com que ilustraram a colecção em 1822, já em diversos trabalhos mitológicos posteriores. Do conjunto desses trabalhos resulta convicção sobre os seguintes pontos:

1º Que os contos populares remontam em grande parte, pelo menos, não só à Idade Média, mas ainda à Antiguidade;

2º Que uma grande parte desses contos têm íntimas relações com lendas de origem mítica ou mitos propriamente ditos; os Grimm dizem: “hier alte, verloren geglaubt, in dieser gestalt aber noch fortdauernde mythen anzuerkennen sind”, mas essa asserção tem um carácter muito geral, que se deve restringir desde já;

3º Que os mesmos contos se acham espalhados por um grande número de povos, colocados às vezes a enormes distâncias geográficas;

4º Que o estofo destes contos se acha em numerosas obras literárias importantes de diversas épocas e nações.

Assentes estes quatro pontos capitais, estava demonstrada a alta importância histórica e psicológica dos contos populares; mas os problemas que eles

(...)

(...) So ist Theophilo Braga (...) ein guter Schatzgräber, der den lange verschütteten Edelgehalt portugiesischer Kultur und Dichtung ans helle Tagelicht gefördert hat. ”

¹⁸ F. Adolfo Coelho, *Contos populares portugueses*, p. VII-VIII.

oferecem ficavam ainda muito obscuros, apesar das investigações dos dois mitólogos alemães. O exemplo, porém, estava dado; um grande número de investigadores e colectores surgiu de todos os lados e hoje é enorme a massa de materiais que se possuem para o estudo dos contos populares.

O primeiro aspecto que sobressai desta apresentação é a convicção de uma absoluta fidelidade por parte dos Irmãos Grimm na transposição escrita dos contos recolhidos — convicção ao tempo muito generalizada, não apenas entre os etnógrafos portugueses — mas que, como é sabido, não corresponde rigorosamente à realidade. No entanto, e abstraindo este aspecto, a introdução de Adolfo Coelho é sólida e segura. Em menos de uma dúzia de linhas, o investigador esquematiza de forma clara as principais conclusões a que os Irmãos Grimm chegaram a respeito da origem, antiguidade, divulgação e valor dos documentos literários como fonte de recolha do conto, assumindo já então uma posição reservada a respeito da tese da génese mítica, que diz dever ser relativizada.¹⁹ A citação²⁰ foi retirada do estudo “Über das Wesen der Märchen” [“Sobre a essência do conto”], que Wilhelm Grimm escreveu para o primeiro volume da 2ª edição dos *Kinder- und Hausmärchen*.

O conhecimento da língua alemã colocou Adolfo Coelho numa posição de enorme vantagem (que partilhou com Consiglieri Pedroso) em relação aos outros estudiosos da etnografia portuguesa. Permitiu-lhe, efectivamente, o acesso a uma vastíssima bibliografia e permitiu-lhe também o acesso em primeira mão aos contos dos Irmãos Grimm. Adolfo Coelho leu os *Kinder- und Hausmärchen* na edição de 1857²¹ e conhecia ainda não apenas as “Anmerkungen zu den einzelnen Märchen” [“Notas sobre os diferentes contos”], como também o extenso capítulo “Literatur” [“Literatura”], que se lhe segue no volume de notas.

De entre as publicações dos Irmãos Grimm, foram os *Kinder- und Hausmärchen* que lhe mereceram maior atenção. Em quase todos os seus estudos comparativos sobre o conto popular deixou remissões para títulos da colecção dos Grimm. Nas abordagens mais desenvolvidas apresenta mesmo resumos de alguns contos.²²

¹⁹ No prefácio aos *Contos populares portugueses*, Adolfo Coelho reafirma as suas reservas em relação a esta teoria: “(...) não podemos admitir uma origem única para os contos, por exemplo, a origem mítica, considerando o conto e o mito como dois produtos radicalmente diversos, embora no conto entrem muitas vezes elementos míticos (...)” (p.XXXII)

²⁰ Em tradução portuguesa poderia ler-se: “(...) neles se podem reconhecer velhos mitos, tidos como perdidos, mas que perduram nesta forma.”

²¹ No já citado artigo “Materiais para o estudo e transmissão dos contos populares” (p.74), Adolfo Coelho diz que esta edição é a única que conhece directamente.

²² Quando, a partir dos anos 80, Adolfo Coelho se afasta do estudo do conto, alargando as suas investigações a outros domínios da etnografia portuguesa, como o das tradições populares, a *Deutsche Mythologie* de Jacob Grimm passa a figurar entre as obras mais citadas. Para além dela, Adolfo Coelho considera ainda nos seus estudos as

No entanto, Adolfo Coelho não terá concordado com a divulgação dos *Kinder- und Hausmärchen* fora-portas da comunidade científica, porquanto entendia que a leitura de contos populares de outros países poderia levar a um desvirtuamento dos nacionais. Esta posição é testemunhada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, reputada romanista de origem alemã que, em 1876, casou com o historiador e crítico de arte Joaquim de Vasconcelos e veio então viver para a cidade do Porto. Carolina Michaëlis cedo se integrou na cena cultural portuguesa e, embora tivesse preferido o estudo da poesia popular, deu grande incentivo à recolha e investigação do conto. Carolina Michaëlis defendeu sempre a tradução dos *Kinder- und Hausmärchen* para língua portuguesa e, quando um jovem tradutor, Henrique Marques Júnior, se lança na publicação de uma colecção de contos escolhidos dos Irmãos Grimm, entre 1902 e 1910, concede-lhe o maior apoio.²³ É no prefácio a um desses volumes, *Contos cor de rosa*, que Carolina recorda a oposição manifestada por alguns filólogos e etnógrafos portugueses à tradução de contos de Grimm, entre eles Adolfo Coelho:

Afasto-me todavia do ponto de vista de Coelho e de outros investigadores com relação às vantagens ou desvantagens da transmissão propositada de redacções de uma língua para outra. Como cultivadores indefesos num curiosíssimo campo científico desaprovam-na por dois motivos. Com receio que a introdução de versões estrangeiras altere e adultere as de cá. E em segundo lugar, porque textos que vêm de fora contêm naturalmente certos pormenores estranhos ao carácter e à vida nacionais.²⁴

A atitude defensiva de Adolfo Coelho em relação à tradução de contos populares estrangeiros é de todo plausível, tanto mais que o folclorista, no prefácio à sua recolha de *Contos populares portugueses*, expressa grande preocupação pelo facto de os contos populares portugueses apresentarem sinais de fragilização que os debilitam face a heranças mais conservadas de outros países.²⁵ O ponto de vista de Adolfo Coelho é, portanto, o da salvação do conto nacional, antes que a memória popular fique irreparavelmente obliterada e se agravem processos de contaminação já detectáveis, resultantes,

Deutsche Sagen dos Irmãos Grimm e outras publicações de Jacob Grimm, como os *Deutsche Rechtsaltertümer* e a *Geschichte der deutschen Sprache* [História da língua alemã]

²³ Carolina Michaëlis traduziu, inclusivamente, dois contos da colecção dos Grimm, *Der Froschkönig, oder der eiserne Heinrich* (Conto do Príncipe Sapo e Henrique, o fiel servidor) e *Von dem Machandelboom* (Conto do medronheiro), para publicação na colecção *Biblioteca das Crianças*, editada por Marques Júnior, na qual os contos dos Irmãos Grimm detêm uma posição de destaque. Os contos acima mencionados, em tradução de Carolina, abrem, respectivamente, os volumes *Contos cor de rosa* (Lisboa, Livraria Moderna, 1906) e *Escrínio de jóias. Contos infantis* (Lisboa, Livraria Moderna, 1909).

²⁴ Cf. Irmãos Grimm, *Contos cor de rosa*, p.21s.

²⁵ Cf. F. Adolfo Coelho, *Contos populares portugueses*, p. II-III.

como exemplifica, da tradução das *Mil e uma noites* e de contos como os de Perrault, Mme d'Aulnoy e Mme de Beaumont.²⁶

Esta postura nacionalista — compreensível numa fase inicial da etnografia portuguesa, em que quase tudo está por conhecer — é observável em Adolfo Coelho não apenas da perspectiva do etnógrafo, mas também da do pedagogo, vocações que soube aliar intimamente.

Em 1883 Adolfo Coelho publica *Os elementos tradicionais da educação. Estudo pedagógico* (Lisboa, Liv. Universal de Magalhães & Moniz) onde expõe as suas principais ideias sobre educação (instrução e recreação) infantil, filiando-se abertamente na escola de Friedrich Fröbel. Neste estudo Adolfo Coelho faz a apologia da utilização de rimas, jogos infantis e sobretudo contos portugueses na educação e recreio da infância. Um ano antes publicara os *Contos nacionais para crianças*, uma pequena colecção de 26 contos da tradição nacional. Dos *Contos populares portugueses* apenas seis foram aproveitados integralmente (ou quase integralmente), de outros seis lêem-se agora versões diversas e os restantes catorze são dados a conhecer pela primeira vez.²⁷ Adolfo Coelho abandona, portanto, a combinatória recolha etnográfica - livro infantil, que continuava a ser adoptada por alguns coleccionadores europeus na esteira dos *Kinder- und Hausmärchen*. Ao preferir duas publicações em separado, Adolfo Coelho guia-se por critérios de rigor científico, dos quais não quer prescindir na primeira colecção portuguesa de contos populares, e que nem sempre são compatíveis com parâmetros de carácter pedagógico. Por outro lado, pôde assim escolher para o seu livro infantil os contos que entendia serem mais apropriados e proceder às adaptações que julgou convenientes. Na sua selecção Adolfo Coelho procurou claramente evitar contos que provocassem nos pequenos leitores a mais leve destabilização emocional. Os contos de fórmula²⁸, de carácter puramente

²⁶ Cf. *ib.*, *id.*, p.XIV.

²⁷ No primeiro núcleo contam-se: *História da carochinha*, *O coelhinho branco*, *A romãzeira do macaco*, *A cacheirinha*, *O pinto borrachudo*, e *Príncipe com orelhas de burro*; no segundo podem ler-se: *A formiga e a neve* (em verso), *O rabo do macaco* (em verso; vd. *O rabo do gato*), *O Joãozinho Pequeno* (vd. *João Pequenito*), *Os sapatinhos de cetim* (vd. *Os sapatinhos encantados*), *A machadinha* e *A vaquinha* (vd. *A enjeitada*). Os contos apresentados pela primeira vez são os seguintes: *Filho és, pai serás; assim como fizeres, assim acharás*, *A sentença justa*, *O pote de azeite*, *Os três conselheiros do rei*, *Quem não trabuca, não manduca*, *Conto do bacorinho*, *Grisme e Guiomar*, *O Doutor Grilo*, *O depositário infiel*, *O estudante sábio*, *As senhoras do manto negro*, *As três cidras do amor*, *O rapaz, o velho e o burro* e *A mão do almofariz*.

²⁸ Sigo a tipologia dos contos populares proposta por Antti Aarne e Stith Thompson no estudo *The Types of the Folktale. A Classification and Bibliography*. Antti Aarne's Verzeichnis der Märchentypen (FF Communications No. 3). Translated and enlarged by Stith Thompson. Indiana University. Second revision. Helsinki, Suomalainen Tiedekatemia / Academia Scientiarum Fennica, 1973.

recreativo (praticamente ausentes dos *Kinder- und Hausmärchen*)²⁹, contam-se entre os mais representados, lado a lado com os contos maravilhosos, que o educador escolheu a dedo. A estes vêm juntar-se vários contos jocosos e dois contos exemplificativos de provérbios. Desta selecção e duma análise dos textos ressalta o gosto por contos de valor lúdico, destinados a fazer rir (embora o elemento moralizante não esteja de forma alguma em falta), e a ausência dos mais aventureiros e intrincados contos maravilhosos do grupo masculino. Notório é ainda o uso de supressões e adaptações, de modo a banir quaisquer situações de violência e a garantir perfeita inocuidade em matéria de pudor.³⁰

Sob este ponto de vista, a colecção dos *Contos nacionais* é sem dúvida bem mais “inofensiva” que a dos Grimm, mas também menos empolgante e apelativa, mesmo se tomarmos como ponto de comparação a “Kleine Ausgabe” [“Pequena edição”] dos *Kinder- und Hausmärchen*, de 1825, mais claramente concebida como edição para crianças, na qual foram contemplados apenas cinquenta contos. Leia-se a apreciação de Carolina Michaëlis no prefácio aos *Contos cor de rosa*, onde, na sequência das considerações anteriormente citadas, observa:

Eu (...) continuo a advogar a divulgação dos contos alemães — em especial das redacções classicamente populares de Grimm — sem que deixe de desejar, de coração, que as crianças portuguesas se apropriem de preferência tudo quanto nas tradições pátrias existe de bom, de belo e de engraçado, em cantigas, lendas, romances, provérbios, rimas, jogos, adivinhas, contos, anedotas históricas. Porquê? Simplesmente porque acho insuficiente o que por ora se lhe apresenta, excessiva a preponderância das histórias humorísticas, e superiores aos Contos portugueses os *Märchen* da minha terra (já o disse em outra parte): mais éticos e estéticos, mais em harmonia com a índole das verdadeiras crianças, mais

²⁹ Na colecção dos Grimm só se encontram quatro contos deste tipo: o KHM 30 *Läuschen und Flöhchen* [O piolhinho e a pulguinha], o KHM 80 *Von dem Tode des Hühnchens* [Da morte da franga] o KHM 131 *Die schöne Katrinelje und Pif Paf Poltrie* [A bela Catrinela e Pif-Paf Pumba] e o KHM 184 *Der Nagel* [O cravo].

³⁰ Consideremos alguns exemplos. No conto *João Pequeno*, apresentado nos *Contos populares portugueses*, João e os seus dois irmãos dormem uma noite com as três filhas do rei turco, que quer matar os rapazes. Mas João coloca as carapuças de prata, que o rei tinha mandado pôr aos três irmãos, na cabeça das meninas, e o rei acaba por matar as próprias filhas. Esse episódio não consta da versão considerada nos *Contos nacionais*, *O Joãozinho Pequeno*. Também o final do conto *As três cidras do amor* é adaptado por Adolfo Coelho. Enquanto nas versões coligidas por Teófilo Braga e por Consiglieri Pedroso a preta malévola tem um castigo tenebroso — da sua pele é feito um tambor e dos seus ossos (olhos, no texto de Teófilo) uma escada —, no texto dos *Contos nacionais* ela é apenas mandada embora. Mesmo nos contos recuperados da colecção de 1879 Adolfo Coelho introduz, por vezes, pequenas alterações em pontos que certamente considerou menos convenientes em termos de pudor. Assim, por exemplo, na *História da carochinha* a fala final do rei “E eu vou arrastar o c.../ Pelas brasas.” é retirada.

próprios a erguer-lhes o espírito a regiões onde se respira o ar límpido e fortificante das alturas.

Em regra, bem se vê. De modo algum, incondicionalmente. Sei que entre os duzentos e tantos *Kinder-und-Hausmärchen* há bastantes que não lograram, nem merecem ser património da nação inteira e de outros povos. Nem ignoro que no folclore português subsistem (...) numerosas narrações que não só rivalizam com as correspondentes de outras terras, mas “as excedem pela perfeita conservação de particularidades primitivas”. Mas essas são raras vezes infantis. E as que o são carecem do *pathos* profundamente emocionante e do tom solene, quase bíblico, que distingue os melhores contos da Alemanha. Nesta convicção, do ponto de vista educativo, aprovo as traduções (como também aprovo cópias de ilustrações primorosas). Pelo menos enquanto o Grimm português (secundado por algum émulo, ou émulo, de Ludwig Richter) não houver extraído dos vastos materiais, acumulados por ele e outros, todo o oiro que encerram, acrisolando e entregando aos pequeninos, em substituição dos 26 *Contos Nacionais*, que por ora escolheu, uma colecção muito mais vasta e variada, que possa ter foros de *Tesouro Nacional da Infância* e em que, ao par de figuras alegres, picarescas, velhacas e atoleimadas, surjam outras graves, valentes, heróicas, modelares, cujas acções e cujos ditos representem migalhas de poesia épico-lírica. (p.21-24)

A citação é longa mas esclarecedora, não só a respeito das razões que levam a erudita alemã a advogar a tradução dos contos de Grimm para a infância portuguesa, como também sobre o juízo que faz dos *Contos nacionais para crianças*. As duas questões estão, aliás, intimamente interligadas no seu discurso. Carolina Michaëlis defende a tradução dos contos tradicionais alemães, os da colecção dos Grimm em particular, porque os considera superiores aos portugueses, pelo menos aos que são conhecidos, e entende que a oferta de Adolfo Coelho nos *Contos nacionais para crianças* não preenche, nem em variedade, nem a nível dos tipos de contos escolhidos, um espaço minimamente comparável ao ocupado pelos *Kinder- und Hausmärchen*. Não sem alguma ironia, Carolina Michaëlis apelida Adolfo Coelho de “Grimm português”, apelido merecido se se considerar o seu papel pioneiro na publicação de contos populares nacionais, mas imerecido, da perspectiva da estudiosa, enquanto o compilador não substituir os seus 26 contos por uma colecção que rivalize com a dos Grimm. É notório o desagrado de Carolina Michaëlis em relação à abundância de contos “para fazer rir” (contos jocosos, contos de fórmula) e a falta que sente dos empolgantes contos maravilhosos, plenos de *pathos* e emoção, com heróis romanescos por protagonistas, as tais figuras “graves, valentes, (...) modelares, cujas acções e cujos ditos representem migalhas de poesia épico-lírica.”

Muito embora a apreciação crítica de Carolina Michaëlis seja pertinente e atinja pontos fracos da selecção de *Contos nacionais para crianças*, a concepção desta colecção é reveladora quanto à independência de Adolfo Coelho face ao exemplo dos *Kinder- und Hausmärchen*.

Terminaria com um breve confronto final das posições de Teófilo Braga e Adolfo Coelho face aos Irmãos Grimm e à colecção dos *Kinder- und Hausmärchen*.

Adolfo Coelho foi, como procurei mostrar, um conhecedor dos estudos e compilações de Jacob e Wilhelm Grimm que mais directamente se prendem com a ciência etnográfica, o que não se pode afirmar com tanta ênfase no caso de Teófilo Braga. A consideração de Adolfo Coelho pelo trabalho dos dois filólogos alemães é implícita e só excepcionalmente se encontram sinais de exteriorização, como quando afirma, a respeito da erudição de Jacob Grimm no campo da mitografia: “(...) nestes domínios é muito difícil saber coisa que ele ignorasse (...)”³¹. Está-se pois longe das efusivas demonstrações de apreço deixadas por Teófilo. Longe esteve também das intenções de Adolfo Coelho apoiar a tradução dos *Kinder- und Hausmärchen* para língua portuguesa, que não parece ter constituído motivo de apreensão para Teófilo.³² Efectivamente a relação de Adolfo Coelho com a obra dos Grimm é mais científica, mas também mais “fria” que a de Teófilo. Adolfo Coelho lê criticamente os estudos dos Grimm, valoriza-os à luz das mais recentes teorias e demarca-se da concepção dupla dos *Kinder- und Hausmärchen* como recolha etnográfica e livro infantil. Teófilo manteve essa concepção na sua colecção de contos portugueses, conservou sempre vivo na memória o exemplo dos Grimm e fez de Jacob o seu *alter ego*.

RESUMO

No presente artigo pretendo documentar as diferentes posições assumidas pelos dois fundadores do movimento etnográfico português, Teófilo Braga (1843-1924) e Adolfo Coelho (1847-1919), face ao trabalho de investigação e recolha de contos populares alemães realizado pelos Irmãos Grimm.

Ao longo da sua obra, Teófilo Braga testemunhou repetidamente uma enorme admiração pelos Irmãos Grimm, muito em especial por Jacob, cujo exemplo procurou seguir. Teófilo Braga orientou-se na sua pesquisa pelas teses dos Irmãos Grimm, nomeadamente, pela tese da génese mítica dos contos, e concebeu a sua colecção de contos populares portugueses como recolha etnográfica e livro infantil, na esteira dos *Kinder- und Hausmärchen*.

A relação de Adolfo Coelho com a obra dos Grimm revela-se bem mais distanciada que a de Teófilo Braga. Adolfo Coelho leu criticamente os principais estudos e recolhas dos dois filólogos alemães, avaliou-os à luz das mais recentes teorias e optou pela publicação em separado de duas colecções

³¹ F. Adolfo Coelho, “De algumas tradições de Espanha e Portugal” (originalmente publicado na *Revue Hispanique*, 1900, vol.VII), in: Adolfo Coelho, *Obra etnográfica. Vol.I — Festas, costumes e outros materiais para uma etnologia de Portugal*. Organização e prefácio de João Leal, Lisboa, D. Quixote, 1993, p.543.

³² Em carta dirigida à escritora Ana de Castro Osório, a 10 de Maio de 1906, Teófilo louva-a pela iniciativa de publicar *Alguns contos de Grimm* (1904), uma selecção de contos da colecção dos Grimm em tradução portuguesa. Cf. *In memoriam do Doutor Teófilo Braga*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1929, p.35s.

de contos populares portugueses — uma mais "científica" e uma outra destinada à leitura por crianças. Curiosa é também a resistência de Adolfo Coelho à tradução de contos da colecção dos Irmãos Grimm para língua portuguesa, que, a seu ver, poderia ser nociva, pois facilitaria a contaminação dos contos populares nacionais.

ABSTRACT

The present paper offers documentation on the divergent attitudes taken up by the two founders of the Portuguese ethnographic movement, Teófilo Braga (1843-1924) and Adolfo Coelho (1847-1919), with regard to the research and collection of folktales by the Brothers Grimm.

Teófilo Braga has repeatedly demonstrated, throughout his writings, an overwhelming admiration for the Brothers Grimm, particularly for Jacob, whose example he tried to follow. In his research Teófilo Braga followed the Grimm's Brothers theories, namely their theory on the mythical origin of folktales. He also conceived his collection of Portuguese folktales both as an ethnographic collection and as a children's book, in the path of *Kinder- und Hausmärchen*.

The relationship of Adolfo Coelho with the Brothers Grimm comes out as far more distanced than that of Teófilo Braga. Adolfo Coelho read the main studies and collections of the two German philologists in a critical way, evaluating them in the light of the most recent theories. He opted for the publication of two separate collections of Portuguese folktales — a more "scientific" one and another one intended for children. It is also worth noting how Adolfo Coelho discouraged the translation of the Brothers Grimm's collection of folktales into Portuguese as, in his view, this was likely to be damaging, as it would encourage the contamination of national folktales.

